

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de um trabalho sobre a dislexia surgiu do interesse em encontrar subsídios teóricos para entender as dificuldades de aprendizagem causadas por esse distúrbio e, desta forma, tornar-me apta para detectar a presença do mesmo em crianças e adolescentes e intervir de forma eficaz e competente na superação das dificuldades apresentadas no processo ensino-aprendizagem devido a esse distúrbio.

A convivência com a criança que tem mau rendimento escolar é muito sofrida. Os próprios pais têm dificuldade de entender como, embora inteligente e esparto, o filho possa ser tão oscilante em seu desempenho com a leitura e a escrita. São levados a acreditar que só a “má vontade” e a “falta de interesse” possam justificar o fato da leitura ser “uma lástima”. A criança é capaz de passar horas jogando videogame, mas alega cansaço quando tem que ler, ou preparar alguma tarefa escolar. Costuma deixar para a última hora, “faz tudo correndo”. A interpretação de textos fica reduzida a duas ou três linhas, feitas com a aflição de quem não pode perder um minuto para brincar. Os pais resolvem apelar. Dizem que se vier mais uma reclamação da escola “o castigo será para valer”. Ameaçam não realizar o prometido passeio e não dar o presente desejado. Mas as ameaças não funcionam. Ajudar a fazer as lições, ou estudar para as provas, os tira do sério. E não dá para não perder a paciência quando vão conferir a prova e lá está a péssima nota. “Mentiu” dizendo que foi bem. A impressão que se tem é que o assunto estudado ontem, deu lugar para o que foi estudado hoje; “até para fazer contas está apresentando dificuldades - parece que tem preguiça de ler a questão”. É uma criança desligada, não presta atenção. De tanto levar broncas, relaxa de vez. Nem mais copia as tarefas de casa e com isso, fica na dependência de ter que se socorrer com os colegas. Os pais pressionam e alertam que sem escola não dá para que um dia venha “ser alguém” na vida. De início se assusta, melhora o desempenho por alguns dias, depois volta à “estaca zero”. A situação acaba ficando traumática quando o assunto escola passa a ser tema preferido das reuniões de família. Se é vexatório para os pais, para a criança é ainda pior. Ela fica na defensiva com as inevitáveis comparações. Qual é o motivo de tudo isso? Essa criança pode apresentar um distúrbio de aprendizagem chamado de dislexia.

Segundo ARAÚJO (2004), a dislexia é um distúrbio de aprendizagem na leitura afetando a escrita, normalmente detectado a partir da alfabetização, período em que a criança inicia o processo de leitura de textos. Sendo assim, como e por que a dislexia pode interferir no processo de aprendizagem do indivíduo e como a instituição educacional e a família podem ajudar na superação de dificuldades causadas pela mesma?

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD), estudos realizados recentemente mostram que a incidência de disléxicos no mundo atinge entre 10 e 15% da população. No entanto, os números não preocupam tanto quanto a desinformação.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo, discorrer sobre alguns aspectos da aprendizagem da leitura e escrita para que profissionais de diferentes áreas que trabalhem com crianças, seja na educação infantil ou no ensino fundamental, ou mesmo com adultos, possam estar alertas para possíveis sinais de dificuldade.

Orientar pais e profissionais da área da educação sobre as causas e as conseqüências da dislexia e alertá-los quanto à importância de um diagnóstico precoce do problema para que se busque ajuda especializada a fim de facilitar a superação das dificuldades causadas por esse transtorno.

Encontrar subsídios para realizar um tratamento adequado que ajude a superar as dificuldades de aprendizagem causadas por esse transtorno.

Divulgar as características desse transtorno para que se realize um diagnóstico correto, evitando que pais e profissionais da área da educação detectem erroneamente qualquer dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita como sendo dislexia.

A Dislexia, antes de qualquer definição, é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente... (Associação Brasileira de Dislexia).

## CAPÍTULO I

### AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

#### 1.1 A leitura e a escrita

Conforme descrito por FRITH (1985) e (2000), citados por GÜTSCHOW (2004), a criança passa por três estágios na aquisição da linguagem escrita: logográfico, alfabético, ortográfico.

Estágio logográfico – a criança lê de maneira visual direta; a leitura depende do contexto, das cores e formas de texto. Por exemplo, uma criança pode ler logograficamente o rótulo da Coca-Cola; logo, se as letras desta palavra forem trocadas, a criança não perceberá o erro desde que a forma visual global e o contexto mantenham-se iguais aos da palavra correta. Isso demonstra que a criança não presta atenção à composição da palavra em letras, apesar de conseguir ter acesso ao significado de algumas palavras conhecidas. Por isso, o estágio logográfico é considerado uma forma de pré-leitura, visto que as palavras escritas são tratadas como desenhos, e não propriamente como um código alfabético.

Estágio alfabético – a criança compreende que a escrita mapeia a fala e, portanto, começa a escrever como fala. Conseqüentemente podem ocorrer erros, como, por exemplo, escrever casa com a letra z em vez de s. Tais erros são comuns e esperados neste estágio, visto que a criança está aplicando as regras da escrita intermediadas pelo som da fala.

Estágio ortográfico – a leitura e a escrita ocorrem por reconhecimento visual direto das formas ortográficas de morfemas ou de palavras, pré-armazenadas no léxico. A criança passa, portanto, a ler e a escrever corretamente palavras irregulares, como por exemplo, aquelas em que a letra x tem sons de s.

Quando a criança dominou todas as estratégias nos estágios logográfico, alfabético e ortográfico, ela torna-se capaz de ler e escrever palavras novas e palavras irregulares.

Será nos primeiros dias de vida que os bebês estarão iniciando os processos de aquisição da leitura e da escrita, através da aquisição da linguagem oral. A autora divide o processo em cinco etapas:

Aquisição do significado, isto é, a criança adquire através de suas experiências com seu meio a noção e a função dos objetos que fazem parte de seu cotidiano. Ela começa a notar que tudo tem um nome.

Os objetos adquirem significado para a criança. É a compreensão da palavra falada. Associa nome aos objetos.

Expressão da palavra. Início da linguagem oral, que inicialmente se desenvolve por imitação dos adultos, isto é, a criança compara os sons falados e imita-os. Aqui vem a importância dos pais ou responsável pela criança de falarem corretamente, pois ela reproduzirá o que está ouvindo, agora verbalmente, e mais tarde também na escrita.

Compreensão da palavra impressa (leitura).

Expressão da palavra expressa (escrita).

As etapas que envolvem a compreensão são anteriores às etapas que envolvem a expressão. Primeiro há familiarização dos objetos, depois há correspondência objeto-nome, depois a expressão da palavra oral (fala) para, por fim, adquirir a leitura e a escrita. Sendo assim, qualquer dificuldade e/ou problema que porventura afete uma determinada etapa, a posterior também será afetada. (SANA – 2005)

## **1.2 A leitura**

“A leitura envolve, primeiro, a identificação de símbolos impressos (grafemas) e o relacionamento destes símbolos com os sons que eles representam” (2005:27). No início do processo de aprendizagem da leitura, a criança tem que diferenciar visualmente cada letra impressa, e perceber que cada símbolo gráfico tem um correspondente sonoro. Se a associação entre a palavra escrita e o som não for realizada, a criança não poderá ler, pois as letras e as palavras não terão correspondentes sonoros. (SANA)

Para FERREIRO e TEBEROSKY (1999) (*apud* MACHADO, 2004), a leitura é a expressão oral da produção do cérebro, como órgão de processamento da informação, portanto, ele controla os órgãos sensoriais e de forma seletiva, utiliza as informações recebidas por eles. Além disso, em um ato de leitura, são usados dois tipos de informação: a visual, derivada pela organização das letras na página impressa e, a não-visual, causada pelo próprio leitor e essencial para sua competência lingüística uma vez que possibilitará a compreensão da marca gráfica mensagem do texto pela exploração visual da página, mesmo que ele não faça a leitura do que está escrito.

As crianças, aproximadamente aos quatro anos, possuem sólidos critérios para admitir que uma marca possa ou não ser lida, mesmo antes de serem capazes de ler textos. (FERREIRO, 2001) (*apud* MACHADO, 2004),

O primeiro critério é o de fazer uma dicotomia entre o “figurativo e o não-figurativo”, isto é, aquilo que é uma figura não é para ser lido, embora possa ser interpretado. Para que possa ser lido, são necessários outros tipos de marca, a princípio definidos por oposição ao figurativo e, às vezes, na falta de qualquer termo genérico, letras ou números. Uma vez realizada a distinção entre o que é uma figura ou não, começa a desenvolver-se um trabalho cognitivo em relação a esse segundo conjunto.

O segundo critério é o de quantidade mínima de caracteres, que perdura por muito tempo e tem uma influencia decisiva em toda a evolução. Não é suficiente que haja letras, é necessário ter uma certa quantia mínima delas para que se possa ler, que em geral oscila em três letras. Uma escrita com menos de três letras, neste estágio de desenvolvimento da criança, não pode ser lida.

O terceiro critério refere-se à variedade interna de caracteres, ou seja, não basta apenas um determinado número de grafias convencionais para que seja possível realizar a leitura, faz-se necessário que as grafias variem, que não sejam repetidas sempre as mesmas.

A leitura é uma habilidade a ser adquirida e, portanto não nascemos leitores. Enquanto processo de aquisição da linguagem compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

A decodificação é a capacidade que temos como escritores ou leitores de uma língua de identificar um signo gráfico por um nome ou por um som da fala, denominado, *fonemas*.

As vogais, as consoantes e as semivogais são exemplos de fonemas. As letras, os grafemas. Fonemas e grafemas, juntos, dão-nos a metalinguagem necessária para a leitura.

Por isso, uma criança pode reconhecer as letras do alfabeto de sua língua materna, mas se não souber os fonemas da fala, representados pelos signos gráficos, não conseguirá ler um texto. Quando muito, incorrerá numa leitura deformada em que não leva em conta o timbre ou contraste da sonorização dos fonemas vocálicos ou consonantais.

São doze os fonemas vocálicos da fala, imprescindíveis para a leitura inicial, a saber: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/. /ô/, /u/, /an/, /en/, /in/, /on/ e /un/. Sete orais e cinco nasais. No estudo das consoantes, o ponto de articulação é de suma importância e a discriminação dos fonemas sonoros e surdos.

Esta capacidade ou competência lingüística consiste também no reconhecimento das letras ou signos gráficos e na tradução dos signos gráficos para a linguagem oral ou para outro sistema de signo.

Os fonemas se relacionam com os grafemas e juntos, fonemas e grafemas, estabelecem entre si uma correspondência som-letra de suma importância para a decantação leitora.

A aprendizagem da decodificação se consegue através do conhecimento do alfabeto e da leitura oral ou ainda da transcrição de um texto oral para a língua escrita.

Todavia, a alfabetização, enquanto momento de aquisição do processo lectoescritor, uma etapa difícil, para a criança, no complexo processo de aquisição de linguagem formal e sistemática, requer dos seus alfabetizadores conhecimentos lingüísticos e psicolingüísticos.(Martins – 2003)

Por outro lado, conhecer o alfabeto não significa apenas o reconhecimento das letras, e sim, entendermos a evolução da escrita. FERREIRO e TEBEROSKY (1999) (*apud* MACHADO, 2004), afirmam que todas as crianças, independentemente de sua nacionalidade, passam em seu processo de construção da escrita pelas mesmas etapas que o homem passou quando “descobriu” a escrita. De uma maneira geral, refazem a mesma trajetória que a humanidade no percorreu surgimento da escrita, ou seja;

A pictográfica (desenho figurativo) – forma mais antiga da escrita, utilizada pelo homem para representar só os objetos que podiam ser desenhados. Era usado o desenho do próprio objeto para representar a palavra que se queria utilizar.

A ideográfica (representação de idéias sem indicação dos sons das palavras) – consistia na utilização de um sinal ou marca para representar uma palavra ou conceito. Eram usados símbolos diferentes para representar palavras diferentes.

A fonográfica (representação dos sons das palavras) – constituída de desenhos, referente ao nome dos objetos (som) e não ao objeto em si.

No sistema lingüístico de nossa língua, a escola prioriza, para o aprendizado da leitura, a escrita fonográfica.

A compreensão, outra etapa do processo lectoescritor é, com certeza, a mais importante na aquisição da linguagem, é a captação do sentido ou conteúdo das mensagens escritas. Sua aprendizagem se dá através do domínio progressivo de textos escritos cada vez mais complexos. (ALLIENDE,1987) (*apud* MARTINS, 2003),

Para ler, não basta apenas realizar a decodificação dos símbolos impressos, é necessário que exista, também, a compreensão e a análise do material”. (SANA -2005:27)

A decodificação é a base para a compreensão e esta atende às finalidades leitoras. Assim, são três os verbos que definem as funções essenciais da leitura; transformar, compreender e julgar. MARTINS (2003),

Transformar - quando o leitor transforma a linguagem escrita em linguagem oral. Ler, portanto, é decodificar a língua escrita, acessar ao código escrito, mas em função de uma exposição oral, expor ou dizer o que entende verbalmente, particularmente na língua oral.

Compreender – realiza-se quando o leitor consegue dar sentido ao conteúdo da mensagem. Uma mensagem pode ser traduzida por muitas interpretações, pode ter vários sentidos.

Julgar – capacidade que o leitor tem de analisar o valor da mensagem no contexto social.

MARTINS (2003) refere-se ainda aos processos da capacidade leitora. Os processos básicos da leitura são também chamados de “processos de nível inferior”. Seu objetivo é o reconhecimento e a compreensão das palavras. Dentro destes processos, ditos básicos, encontram-se a decodificação e a compreensão de palavras.

Os processos superiores ou de nível superior têm por finalidade a compreensão de textos. Quando dizemos inferiores ou superiores não estamos estabelecendo uma hierarquia de processos, uma vez que os processos são interdependentes. Se a decodificação falha, a compreensão falha. Se ambos são deficientes, a interpretação de um texto também será precária.

Os processos básicos, isto é, que se voltam à decodificação e à compreensão de palavras, são particularmente importantes nas primeiras fases da aprendizagem da leitura e devem ser automatizados ou bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental (até a quarta série), já que um déficit em algum deles impede o desenvolvimento pleno dos processos superiores de compreensão leitora.

Os processos de percepção estão presentes no ato de ler. A leitura depende muito da visão. O leitor atinge a decodificação através dos processos perceptivos e dos processos léxicos. Os processos perceptivos referem-se fundamental-

mente ao mundo das sensações, numa palavra, à percepção da realidade objetiva, fora do nosso mundo interior, através dos olhos.

A percepção visual permite a extração de informações sobre coisas, lugares e eventos do mundo visível. Portanto, a percepção é um processo para aquisição de informações e conhecimentos, guardando estreita relação com a memória de longo prazo e a cognição.

A percepção dos signos gráficos é uma das primeiras atividades que tomam parte do processo leitor e a forma mais específica da ação dos nossos olhos. Aprendemos a ler com o poder do olhar. Se não aprendemos a olhar corretamente, não encontraremos, também, sentido para a leitura.

Ler, a rigor, não é apenas ler as palavras nas linhas, mas ler as entrelinhas, a descoberta do subjacente, do paradigmático, do ausente, encontrar o dito, mas não explícito, no texto.

Depois da análise perceptiva, o passo seguinte é chegarmos ao significado das palavras.

Dois são os caminhos ou métodos que existem para chegarmos ao reconhecimento das palavras e extrairmos o significado das mesmas: a rota fonológica e a rota léxica. (Martins – 2003)

A rota fonológica é a que permite a leitura de textos, segmentando-os, por força da metalinguagem, em seus componentes (parágrafos, períodos, orações, frases, sintagmas, palavras, morfemas), como também em sílabas ou em sons da fala (fonemas).

Consiste em discriminar os sons correspondentes a cada uma das letras ou grafemas que compõem a palavra. Esta rota permite, na realidade, o reconhecer das letras das palavras e sua transformação em sons.

A rota fonológica é o caminho para se atingir a *consciência fonológica*, através da qual se pode ler todas as palavras em língua portuguesa. (Martins – 2003)

A rota fonológica é utilizada para lermos palavras pouco freqüentes ou desconhecidas. Para fazermos a leitura dessas palavras, a seqüência grafêmica é dividida em unidades menores e associada aos seus respectivos sons. Em seguida, fazemos a junção dos segmentos fonológicos e produzimos a pronúncia da palavra.

Já, a rota léxica, é utilizada para lermos palavras familiares que estão armazenadas na memória ortográfica em decorrência de nossas experiências repetidas de leitura. Após o reconhecimento da palavra, o acesso ao sistema semântico permite a compreensão do seu significado. Em seguida, é possível realizar a pronúncia, finalizando a leitura em voz alta da palavra escrita. GÜTSCHOW (2004).

A rota léxica é uma rota global e muito rápida já que nos permite o reconhecimento global da palavra e sua pronúncia imediata, sem necessidade de analisar os signos (significante e significado) que a compõem.

O modelo de leitura através da rota direta permite explicar a facilidade que temos para reconhecer as palavras cuja imagem visual temos visto com muita freqüência.

Em qualquer caso, ambas as vias não são excludentes entre si. As rotas fonológica e léxica são necessárias e coexistem na leitura hábil. MARTINS (2003),

Segundo ELLIS (1995), citado por GÜTSCHOW (2004), as dificuldades relacionadas à aquisição de leitura estão associadas às diversas competências necessárias ao uso de ambas as rotas, tais como:

Competência léxica – conhecimento que o individuo possui de um determinado número de palavras da língua e sua aptidão para ter acesso rapidamente ao vocabulário mental assim constituído.

Competência fonológica (ou consciência fonológica) – capacidade de dividir uma palavra em unidades menores, como sílabas e fonemas, decompondo-as em seus componentes fonológicos.

Memória operacional – capacidade de operar com conteúdos mantidos por pequenos períodos de tempo na memória.

Segundo GÜTSCHOW (2004), nas crianças em processo de aquisição de leitura e escrita é necessário verificar o uso das duas rotas de leitura e se há dificuldades na utilização de uma ou de outra.

### **1.3 A escrita**

Para FERREIRO e TEBEROSKY (1999) (*apud* MACHADO, 2004) são quatro as hipóteses fundamentais para a compreensão de como as crianças adquirem a linguagem escrita. São elas:

Pré-silábica – caracterizada pela fase icônica, onde a criança acredita que escrever é desenhar o objeto. Aparecem tentativas da criança de correspondência entre a escrita e o objeto referido. Além disso, a criança apresenta problemas quanto à orientação espacial da escrita, ora a representando por letras, ora por desenhos, ou ambos e há uma grande dificuldade em estabelecer a diferença entre as atividades de escrever e desenhar. Outras características desta fase são a quantidade mínima de caracteres exigidos e a variedade desses caracteres.

Silábica – sua principal característica é a tentativa de assoar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita e, nessa tentativa, a criança passa pela fase de maior importância evolutiva, onde cada letra vale por uma sílaba. Quando a criança começa a trabalhar com a hipótese silábica, duas características importantes da escrita anterior podem aparecer novamente: a quantidade mínima de caracteres e a de variedade de caracteres.

Silábico-alfabética – essa fase é a de transição entre a hipótese silábica e a hipótese alfabética, onde a criança abandona a primeira hipótese e descobre que necessita analisar outras possibilidades de escrita, uma vez que ela vai além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras, além do conflito entre as formas gráficas que o meio lhe impõe e a leitura dessas formas com base na hipótese silábica.

Alfabética – é a última etapa da evolução, pois a criança ao chegar nessa hipótese compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente, uma análise sonora

dos fonemas das palavras que precisa escrever. As dificuldades a partir daí não serão mais conceituais e sim ortográficas.

A escrita é o inverso da leitura. Na escrita, a relação estabelecida é entre o som, o significado e a palavra impressa (que é o que se escreve).

Ao copiar, iniciamos fazendo uma diferenciação visual de todos os detalhes das letras e do formato da palavra que está servindo de modelo. Em seguida, relacionamos os símbolos impressos – as letras e as palavras – aos respectivos sons, aos movimentos articulatórios, aos movimentos gráficos (traçado gráfico a ser executado), aos significados (conceitos), e só então reproduzimos graficamente a palavra-modelo. A cópia exercita a reprodução correta do signo (letra).

No ditado, as palavras ditadas oralmente devem ser discriminadas e diferenciadas auditivamente; depois, são associadas aos significados, à sua forma gráfica (letras e sílabas que compõem as palavras ouvidas e seus respectivos traçados), e são escritas, devendo-se respeitar a orientação têmporo-espacial. É através do processo de leitura que a forma gráfica das palavras vai ficando registrada na memória visual. O ditado leva a criança do som ao sinal e à sua fixação pela escrita.

Na redação, as palavras são elaboradas mentalmente, associadas aos respectivos sons, os significados, à forma gráfica e à escrita. Na redação, o escritor busca dentro de si as palavras adequadas para poder transmitir ao outro aquilo que quer, e a opção da escolha de palavras e da forma como estas vão se articulando representam, modelos interiorizados de inúmeras leituras que o escritor realizou durante sua trajetória. SANA (2005),

Pode-se concluir que em qualquer uma destas modalidades de escrita percebe-se que “a relação existente entre palavra impressa e som deve estar automatizada, para permitir que a criança se expresse graficamente”. Então, “a criança precisa saber ler para poder escrever” (2005:30). Se a criança apresenta dificuldades para realizar a leitura ou ainda não aprendeu a ler, de pouco adiantam os exercícios escritos, já que as palavras que ela escreve não têm correspondência sonora e não são compreendidas.

Ainda segundo a autora:

*“Quando se fala em distúrbios de aprendizagem envolvendo a leitura e a escrita, é indispensável que se analise a leitura oral e silenciosa antes de se avaliar a escrita (cópia, ditado, redação), visto serem as dificuldades, na maioria das vezes, decorrentes de uma leitura lenta de sílabas ou palavras, sem pontuação nem ritmo, e incompreensível”. (2005:30)*

Quando uma criança escreve, se dá conta de que coloca no papel os sons que até então emitia, sem saber que poderiam corresponder a sinais; escreve à medida que aprende a ler.

Uma criança de 6 a 9 anos apresenta uma escrita pré-caligráfica com componentes infantis. São formas que demonstram as insuficiências sobre os planos motor, perceptivo e simbólico.

Uma criança de 8 a 11 anos apresenta uma escrita caligráfica, onde demonstra maior apoio e segurança. Escrita bem formada e impessoal com habilidade.

Após os 11 anos, a escrita é pós-caligráfica apresentando maior velocidade na escrita. Verifica-se o total controle das habilidades necessárias para o grafismo.

## CAPÍTULO II

### A DISLEXIA

#### 2.1 Histórico

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), dislexia é um termo criado por um médico oftalmologista alemão, há mais de 100 anos, para nomear uma dificuldade em leitura apresentada por um de seus pacientes.

Muitos casos de dificuldades de aprendizado têm sido estudados nesses 130 anos de pesquisa científica por diferentes profissionais das áreas da Saúde e da Educação. Porém, durante muitos anos, só relacionados às dificuldades com a leitura, o que resultou na elaboração de diferentes trabalhos e na publicação de muitos livros sobre o assunto. Por isso é que muitos profissionais incorporaram essas pesquisas e conclusões em dislexia, apenas como dificuldades em leitura. Mas com o avanço de uma tecnologia de ponta e o grande suporte do governo americano para tornar viáveis pesquisas mais detalhadas, que levou o último decênio do último século à denominação de O Decênio do Cérebro, as pesquisas cresceram e tomaram um caráter muito mais abrangente.

Assim, a continuidade da busca de respostas sobre o que é dislexia, passaram a ser também pesquisadas dificuldades com as linguagens expressiva e receptiva, oral e escrita, além dos problemas com leitura e soletração. E só muito mais tarde é que as dificuldades com a linguagem matemática também foram incluídas nessas pesquisas. Portanto, graças ao intenso trabalho de pesquisa nesse campo, vêm-se tornando cada vez mais claro o entendimento do que é dislexia.

Para Dr. A. HOFFER M.D. pode-se relacionar mais de 100 diferentes nomes, que dão rótulos ao dislético. Mas duas designações são as mais usadas para nomear essas dificuldades de aprendizado: Dificuldades de Aprendizado e Dislexia.

O termo Dislexia é preferencial entre muitos profissionais, disléticos e seus familiares, pela diretividade e amplitude de seu significado, não oportunizando idéias subliminares de incapacidade e de problemas de comportamento ao dislético.

Para MARGARETH RAWSON (1968), conforme NICO (2005), a história do reconhecimento da dislexia de evolução como problema constitucional, remonta do trabalho de Berlin, que usou o termo “dislexia” já em 1872 e ainda de W. PRINGLE MORGAN em 1896 e de JAMES KERR em 1897.

NICO (2005) afirma que JAMES HINSHELWOOD, em 1917, publicou uma monografia sobre “Cegueira Verbal Congênita”, quando trabalhou com adultos afásicos (que sofrem perda da palavra falada e/ou escrita devido à lesão cerebral). Ele encontrou distúrbios infantis com sintomas similares, mas sugeriu que os problemas da dislexia seriam orgânicos, e ainda levantou a possibilidade de serem hereditários. Encontrou também mais meninos do que meninas com este tipo de distúrbio.

Nos Estados Unidos, a classe profissional que primeiro ajudou no reconhecimento da dislexia foi a de médicos oftalmologistas. Suas observações mostraram que a dificuldade não estaria nos olhos, mas no funcionamento de áreas de linguagem no cérebro: “Não são os olhos que lêem, mas o cérebro”.

Ainda de acordo com a autora, os psicólogos e educadores do início do século deram pouca importância aos distúrbios específicos de linguagem. Só se concentravam no aspecto pedagógico do problema; com exceção de BROONER (1917) e HOLLINGWORTH (1918). Ao mesmo tempo, a classe médica negligenciava o problema na sala de aula, o que contribuía para estabelecer uma grande lacuna entre a recuperação das crianças e o seu problema.

Em 1925, se iniciou em Iowa uma pesquisa sobre as causas de se encaminharem crianças para unidades de saúde mental. A dificuldade de ler, escrever e soletrar surgiu como uma das causas principais.

Foi então que surgiu como um grande interessado no campo do distúrbio de aprendizado, SAMUEL ORTON, psiquiatra, neuroanatomista, que fez vários estudos post-mortem em cérebros humanos. Segundo NICO (2005), ORTON propôs várias hipóteses para a ocorrência da dislexia, e também vários procedimentos para a redução das suas dificuldades.

Afirma Nico (2005) que, em continuação aos estudos de ORTON, atribuía a causa do problema a distúrbios de dominância lateral, encontramos PENFIELD e

ROBERTS (1959), ZANGWILL (1960), SPERRY (1964), MASLAND (1967), MIKLEBUST (1954 - 1971) e atualmente ALBERT GALABURDA, que descreveu a dislexia de forma mais complexa.

Na França há trabalhos de VARLOT e DECONTE (1926) e OMBREDAMA (1937), mas não tiveram continuidade. No campo da linguagem escrita aparecem BOREL MAYSONY, ARLET BOUCIER e outros. Atualmente, JACQUES MELHER.

Hoje, os estudos mais recentes estão no campo psiconeurológico. O Brasil também tem sua contribuição com a pesquisa sobre “A diferença dos volumes dos lobos temporais direito e esquerdo”.

## **2.2 Conceitos**

De acordo com SANA (2005), existem muitos termos, como cegueira verbal, disfunção cerebral mínima, lesão cerebral mínima, distúrbio de aprendizagem, dificuldade específica de aprendizagem, strephosymbolia, dislexia evolutiva, entre outros, para referir-se a pessoas com dificuldade para a aprendizagem da leitura e da escrita.

O termo dislexia é utilizado na situação na qual a criança é “incapaz de ler com a mesma facilidade com que outras crianças da mesma faixa etária e nível escolar” (2005:32). Sua inteligência varia de médio a superior, sua saúde e órgãos sensoriais estão intactos e possuem motivação e incentivos adequados ao aprendizado, porém, sua leitura não evolui ou simplesmente evolui de maneira mais lenta em relação às outras crianças.

A criança dislexia aprende as letras e o significado delas, mas não consegue juntá-las nas palavras e, quando consegue, não há compreensão da leitura. O nível de atenção é muito exigido para haver automatização da leitura e, por isso, tem dificuldade em torna-la fluente. Como consequência disso, sua escrita também será marcada por acúmulo e persistência de erros.

Segundo LEITE (2003), desmembramos a palavra dislexia temos a primeira noção básica de seu significado; dis (distúrbio, dificuldade), lexia (leitura) - do latim e/ou language – do grego). A definição mais usada na atualidade é a do comitê

de Abril de 1994, da International Dyslexia Association – IDA (apud ALMEIDA 2004), que diz:

*“A dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida à instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sócio-cultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, freqüentemente incluídos problemas de leitura, quanto à aquisição e capacidade de escrever e soletrar”.*

A World Federation of Neurology define-a “como uma perturbação que se manifesta pela dificuldade na aprendizagem da leitura, apesar de uma educação convencional, uma adequada inteligência e oportunidades sócio-culturais”.(Moura – 2005)

Segundo Committee on Dyslexia of the Health Council of the Netherlands (apud MOURA, 2005), “a dislexia está presente quando a automatização da identificação das palavras (leitura) e/ou da escrita de palavras não se desenvolve, ou se desenvolve de uma forma muito incompleta, ou com grande dificuldade”.

*“A dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da Linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculo matemáticos, como na linguagem corporal e social”. (ABD)*

Para JANE SCHULMAN e ALAN LEVITON (1978), citadas por NICO (2005), a dislexia é “um distúrbio da leitura geralmente definido como uma discrepância de, pelo menos, dois anos entre o nível real e o nível esperado em relação à idade cronológica”.

Ainda segundo NICO, há também uma definição recente de MIKLEBUST que diz:

*“É uma desordem de linguagem que impede a aquisição de sentido através das palavras escritas, por causa de um déficit na habilidade de simbolização... As limitações na linguagem escrita são demonstradas por uma discrepância entre a aquisição real e a esperada. Estas limitações derivam-se de disfunções cerebrais, manifestadas por perturbações na cognição. Não atribuídas a impedimentos motores, sensoriais, intelectuais ou emocionais, nem ensino adequado ou falta de oportunidade”.*  
(2005).

### **2.3 Características**

As características vão se diferenciar em alguns aspectos, de acordo com as faixas etárias, mas a dislexia só poderá ser diagnosticada quando a criança iniciar o aprendizado da leitura.

Existem também diferentes graus, que variam dos mais severos, apresentando muitas dificuldades, até os mais leves, que apresentam poucas das características citadas a seguir.

Na primeira infância, segundo a ABD, as características podem ser atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar, assim como atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbúcio à pronúncia de palavras. Parece difícil para a criança, entender o que está ouvindo.

Outras características que podem ser vista é o distúrbio do sono, seguidos de embaraço noturno, encontra-se também suscetibilidade a alergias e a infecções. Existindo tendência a hiper ou hipo-atividade motora.

Apresenta choro intenso, parecendo inquieta ou agitada com muita frequência. Tendo dificuldades para aprender a andar de triciclo, assim como dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

Ainda segundo a ABD, pesquisas neurobiológicas recentes concluíram que o sintoma mais conclusivo acerca do risco de dislexia em uma criança é o atraso na aquisição da fala e sua deficiência de percepção fonética.

A dificuldade de discriminação fonológica leva a criança a pronunciar palavras de maneira errada. Essa falta de consciência fonética, consequência da percepção imprecisa dos sons básicos que compõem a palavra, acontece, já, a partir do som da letra e da sílaba. Essas crianças podem apresentar um alto nível de inteligência, entendendo tudo o que ouvem, porque tem uma excelente memória auditiva. Portanto, sua dificuldade fonológica refere-se a percepção das partes sonoras diferenciais de que a palavra é composta. Esta é a razão pela qual o disléxico apresenta dificuldades significativas em leitura.

De 7 a 12 anos, nas primeiras séries, as características abaixo são normais. Para haver diagnóstico de dislexia, as dificuldades devem persistir por pelo menos um ano a um ano e meio, depois de iniciada a alfabetização sistemática.

Segundo a ABD, as características apresentadas podem ser de extrema lentidão ao fazer seus deveres ou ao contrário, seus deveres podem ser feitos rapidamente e com muitos erros; Além disso faz cópia com letra bonita, mas tem pobre compreensão do texto ou não lê o que escreve.

A fluência em leitura é inadequada para a idade, apresentando dificuldade para automatizar a leitura, sendo assim a escrita sofre com inversões, trocas, repetições, e omissões de letras, sílabas e até palavras; pavor à leitura, e quando lêem, soletram.

Encontra facilidade em desenvolver atividades que não envolvem a leitura e a escrita, só faz leitura silenciosa, ou, ao contrário, só entende o que lê quando lê em voz alta para poder ouvir o som da palavra.

Esquece aquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas, é mais fácil, ou só capaz de transmitir bem o que sabe através de exames orais. Apresenta também grande imaginação e criatividade porém desligam-se facilmente, sendo assim resistem a ir à escola e a fazer as tarefas escolares, encontram-se também com baixa auto-imagem e baixa auto-estima.

Esquivam-se de ler, principalmente em voz alta, perde-se facilmente no espaço e no tempo, tanto que perde e esquece seus pertences. Apresentam também mudanças bruscas de humor, ficando tristes e apáticas sem motivo aparente, assim como são impulsivas e interrompem os demais ao falar.

Parece ter dificuldades visuais, embora um exame não revele problemas, com isso ocorre também dificuldade na lateralidade (confundem esquerda com direita, em cima e em baixo, na frente e atrás), seguido de dificuldade para ler as horas, para seqüências como dia, mês e estações do ano.

Apresentam dificuldade em aritmética básica e/ou em matemática mais avançada; necessitam dos dedos ou outro material concreto para ajudar a fazer cálculos; embora resolva cálculo algébrico mentalmente, não elabora cálculo aritmético, muita dificuldade para lembrar a tabuada, mas tem excelente memória de longo prazo.

Sua memória visual é pobre, mas possui excelente memória e acuidade auditivas; Pensa através da imagem e sentimento, não com o som das palavras, é muito sensível e emocional, mas é extremamente desorganizado.

Além disso tem pré-disposição a alergias e a doenças infecciosas, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir, devido à dificuldade de coordenação motora fina e/ou grossa, gerando dificuldades para andar de bicicleta, abotoar, amarrar o cordão dos sapatos. Com isso tem dificuldade em manter o equilíbrio e realizar atividades físicas, com muito barulho sente-se confuso, desliga e age como se estivesse distraído.

Outra característica apresentada é na escrita que pode ser extremamente lenta, laboriosa ilegível, sem domínio do espaço na página; confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: *a/o, c/o, e/c, f/t, h/n, i/j, m/n, v/u;*

confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b/d, b/p, b/q, d/b, d/q, n/u, w/m, a/e. Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e cujos sons são acusticamente próximos: d/t, j/x, c/g, v/f; cometem inversões de números, como por exemplo, 27 por 72 e também de sílabas ou palavras como, por exemplo, *em/me*; *som/mos*. São dispersas em sala de aula, esforçam-se tanto para realizar a leitura que, no final, não conseguem saber o que foi lido. Sendo assim tentam, irracionalmente, identificar o sentido da palavra pela letra inicial, mas ao ler, costumam pular linhas, retroceder ou perder-se. Letras mal traçadas chegando, em alguns casos, a ser ilegível.

De 12 anos para cima, para SANA (2005), as características que podem ser, caracterizadas por distorções na leitura oral, substituições ou omissões; tanto a leitura em voz alta como a silenciosa caracterizando-se por lentidão e erros na compreensão. Algumas vezes, ainda soletram na leitura.

Apresentam dificuldade para guardar instruções e para guardar número de telefone, para pronunciar palavras longas. Confundem-se com datas, horários e lugares; demoram ao fazer cópias; ainda apresentam dificuldade na tabuada, na reversibilidade (fazer o inverso) de pensamento, assim como dificuldade na produção de texto, não tem o hábito de leitura.

As características acima citadas terão que ser duradouras, e não necessariamente, apresentar-se com a divisão de faixas etárias, pois certas características poderão persistir por muito tempo.

Além disso, crianças disléxicas apresentam combinações de sintomas, em intensidades de níveis que variam entre o sutil e o severo, de modo absolutamente pessoal. Em algumas delas, há um número maior de sintomas e sinais; em outras, são observadas apenas algumas características.

Quando os sinais aparecem apenas enquanto a criança é pequena, ou se alguns sintomas somente se mostram algumas vezes, isso não significa que possam estar associados à dislexia. Inclusive, segundo a ABD, há crianças que só conquistam uma maturação neurológica mais lentamente e que, por isto, somente têm um

quadro mais satisfatório de evolução, também em seu processo pessoal de aprendizado, mais tardiamente do que a média de crianças da sua idade.

## **2.4 Tipos de Dislexia**

A dislexia, assim como vários outros distúrbios de aprendizagem, existe em diversos níveis, isto é, não há só um tipo. Após mais de vinte anos pesquisando este e assuntos afins, a autora afirma que existem, no mínimo, três tipos de dislexia:

### **Dislexia Congênita ou Inata:**

É a dislexia que nasce com o indivíduo. Pode apresentar as mais variadas causas e tem características próprias como, por exemplo, uma comprovada alteração hemisférica cerebral, onde os hemisférios encontram-se com tamanhos invertidos ou em tamanhos exatamente iguais, quando o considerado normal é que o esquerdo seja maior que o direito. Em consequência desta alteração, o indivíduo disléxico tem pouca ou nenhuma habilidade para a aquisição da leitura e da escrita, geralmente não chega a ser alfabetizado e, quando o é, não consegue ler e escrever por muito tempo e, quando termina de ler e escrever já não se lembra de nada. Esse tipo de dislexia é incurável devendo ser tratada por uma junta de profissionais envolvendo psicopedagogo, neurologista e/ou psiquiatra dependendo da gravidade do caso. Em casos onde haja também distúrbios de fala e audição, um fonoaudiólogo. Caso haja dificuldades motoras e/ou de lateralidade, um psicomotricista e, neste caso, também é aconselhável que um psicólogo acompanhe o tratamento e desenvolva atendimento paralelo.

### **Dislexia Adquirida:**

É a dislexia que vem através de um acidente qualquer, como por exemplo, anoxia perinatal, acidente vascular cerebral, anoxia por afogamento e outros acidentes. Neste caso, o indivíduo que antes lia e escrevia normalmente, passa a ter períodos de dislexia. Nestes períodos, ele não consegue ler e escrever ou o faz com muita dificuldade, tem falhas de memória e pode também apresentar problemas de lateralidade. Dependendo do grau de dificuldade que o indivíduo apresente é também necessário um tratamento multidisciplinar, mas neste caso, é bem provável que so-

mente o psicopedagogo e o neurologista ou psiquiatra sejam solicitados. Será necessário o tratamento com o fonoaudiólogo, caso a fala e a audição também estejam comprometidas e, caso o acidente tenha afetado a lateralidade, um psicomotricista será necessário.

#### Dislexia Ocasional:

É a dislexia causada por fatores externos e que aparece ocasionalmente. Pode ser causada por esgotamento do sistema nervoso, excesso de atividades e, em alguns casos considerados raros, por tensão pré-menstrual (TPM) e/ou hipertensão. Se esse tipo de dislexia for diagnosticado, não há necessidade de grandes tratamentos.

Para a autora ainda, existe um quarto tipo de dislexia que, a mesma classifica como características disléxicas. É quando o indivíduo tem algumas características consideradas próprias da dislexia, mas que isoladas nada significam ou podem ser causadas por outros distúrbios, às vezes bem mais simples de curar.

Dentro destes tipos existem variações que parecem tornar cada caso um caso, cada disléxico único. OLIVIER (2005),

Em 1971, ELENA BOORDER e MIKLEBUST (*apud* NICO, 2005) classificaram a dislexia em vários grupos:

Dislexia fonológica ou disfonética – caracterizada por uma dificuldade na leitura oral de pseudopalavras ou palavras pouco familiares. As palavras reais, regulares e irregulares são lidas oralmente com menos prejuízo. A dificuldade encontra-se na conversão letra-som. A criança troca fonemas e grafemas; apresenta dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não tem significado; altera a ordem das letras e sílabas; omite e acrescenta letras; apresenta maior dificuldade na escrita do que na leitura e realiza substituição de palavras por sinônimos ou troca palavras por outras visualmente semelhantes.

Dislexia diseidética – desordem de leitura em que os leitores não manifestam nenhum problema fonológico particular, mas sim, um problema de ordem visual. Lêem laboriosamente, como se estivessem vendo pela primeira vez a palavra. Rea-

lizam leitura silábica, sem conseguir a síntese da palavra; aglutinam e fragmentam palavras; fazem trocas de letras que possuem equivalência fonética e apresenta maior dificuldade para a leitura do que para a escrita.

Dislexia mista ou aléxica – caracterizada por indivíduos que demonstram problemas de ambos os subtipos, disfonético e diseidético. Apresentam dificuldade na percepção visual e na coordenação visuomotora; apresentam deficiência na percepção auditiva e na memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema).

Dislexia auditiva – Segundo SANA (2005), apesar de ouvir normalmente, o disléxico auditivo, faz confusões na discriminação de sons semelhantes conseqüentemente escrevendo de maneira errada. O disléxico auditivo apresenta dificuldades para recordar o som das letras e para relacionar os diferentes sons para formar a palavra; dificuldades para achar rimas; dificuldade de análise e síntese auditiva; problemas de retenção e interpretação de seqüências ou símbolos auditivos e preferência por atividades visuais, esportivas e trabalhos manuais.

Dislexia visual – De acordo com SANA (2005), apesar de enxergar normalmente, a criança não consegue identificar, compreender e interpretar o símbolo escrito. O disléxico visual apresenta dificuldades de discriminação visual em palavras semelhantes tanto na escrita como na leitura; dificuldade de retenção de seqüências visuais; velocidade baixa de percepção visual; tendência à inversão e reversão, tanto na leitura como na escrita; dificuldade de análise e síntese visual; deteriorização de análise e síntese visual (parte/todo); dificuldade de memória visual, mesmo para experiências de rotina; desenhos pobres em detalhes e preferência acentuada por atividades auditivas.

## **2.5 O Cérebro e a Dislexia**

Antes de falar sobre as causas de dislexia, é necessário conhecer, de forma geral, como funciona o cérebro. De acordo com GORMAN (2003), diferentes partes do cérebro exercem funções específicas. A área esquerda do cérebro, por exemplo, está mais diretamente relacionada à linguagem. Nela foram identificadas três sub-áreas distintas: uma delas processa fonemas, outra analisam palavras e a última reconhece palavras. Essas três subdivisões trabalham em conjunto, permitin-

do que o ser humano aprenda a ler e escrever. Uma criança aprende a ler ao reconhecer e processar fonemas, memorizando as letras e seus sons. Ela passa então a analisar as palavras, dividindo-as em sílabas e fonemas e relacionando as letras a seus respectivos sons. À medida que a criança adquire a habilidade de ler com mais facilidade, outra parte de seu cérebro passa a se desenvolver e sua função é a de construir uma memória permanente que imediatamente reconheça palavras que lhe são familiares. À medida que a criança progride no aprendizado da leitura, esta parte do cérebro passa a dominar o processo e, conseqüentemente, a leitura passa a exigir menos esforço.

O cérebro de disléxicos, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura, os disléxicos recorrem somente à área cerebral que processa fonemas. A conseqüência disso é que disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê parece ser nova e desconhecida. (GORMAN – 2003)

## **2.6 Causas**

As causas da dislexia ainda não são claramente determinadas. Existem muitas teorias, mas nada definitivamente conclusivo e muito a pesquisar.

No entanto, estudos tem apontado o fato genético (até a 3ª geração) como principal causa. A alta taxa de incidência em uma mesma família, e o fato de haver concordância de 100% em pares de gêmeos monozigóticos, levam a acreditar nessa teoria. Várias teorias científicas acreditam que haja alteração cromossômica nos indivíduos com dislexia; outras apontam complicações durante o parto como causa do problema, e ainda afirmam ser a junção de todos os fatores acima, anomalias em circuitos cerebrais, padrões neurológicos imaturos, desordem no sistema nervoso central (SNC) entre outras. SANA (2005),

Mas causas da dislexia são neurobiológicas e genéticas. A dislexia é herdada e, portanto, uma criança disléxica tem algum pai, avô, tio ou primo que também é disléxico.

Diferentemente de outras pessoas que não sofrem de dislexia, disléxicos processam informações em uma área diferente de seu cérebro; não obstante, os cérebros de disléxicos são perfeitamente normais. A dislexia parece resultar de falhas nas conexões cerebrais. (GORMAN,2003),

Há vários estudos sobre as causas da dislexia:

Uma falha no sistema nervoso central em sua habilidade para organizar os grafemas, isto é, as letras ou decodificar os fonemas, ou seja, as unidades sonoras distintivas no âmbito da palavra.

O impedimento cerebral relacionado com a capacidade de visualização das palavras.

Diferenças entre os hemisférios e alteração (displasias e ectopias) do lado direito do cérebro. Isso implica, entre outras coisas, uma dominância da lateralidade invertida ou indefinida. Mas também justifica o desenvolvimento maior da intuição, da criatividade, da aptidão para as artes, do raciocínio mais holístico, de serem mais subjetivos e todas as outras qualidades características do hemisfério direito.

Inadequado processamento auditivo (consciência fonológica) da informação lingüística.

Implicações relação afetiva materno-filial, o que pode entravar a necessidade da linguagem, e mais tarde a aprendizagem da leitura e escrita. (ALMEIDA,2004),

Há algumas situações que foram descartadas:

Em hipótese alguma o disléxico tem comprometimento intelectual. Segundo a Teoria das Inteligências Múltiplas, o ser humano possui habilidades cognitivas: inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência lógica-matemática,

inteligência espacial, inteligência corporal cinestésica, inteligência verbal-linguística, inteligência musical, naturalista, existencial e pictórica. O disléxico teria sua inteligência mais predisposta à inteligência corporal-cinestésica, musical, espacial.

Quanto ao emocional, é preciso avaliar muito bem. Pode haver um comprometimento do emocional como consequência das dificuldades da dislexia, mas nunca como causa única.

A criança disléxica não tem perda auditiva.

De acordo com pesquisas realizadas pela ABD, a incidência maior de dislexia é no sexo masculino. No Brasil, cerca de 10% a 15% da população tem dislexia. Dessa população, 76% são do sexo masculino – em média três homens disléxicos para cada mulher.

## **2.7 Conseqüências**

Até o primeiro dia de escola, a criança se mostra como outras: alegre, participante e interessada como o novo. Mas o contato com as primeiras letras revela uma dificuldade que até então permanecia oculta. Ela não consegue acompanhar as demais nas primeiras tarefas de leitura e escrita. Surgem as primeiras conseqüências que, segundo SANA (2005), são:

Começam a sentir-se infelizes e lamuriosas, sendo assim resistem a ir à escola e a fazer as tarefas escolares, com isso tendem a ficar tensas e irritadas ao serem cobradas. A princípio, afeta a aquisição da leitura e ortografia e, posteriormente, toda linguagem escrita torna-se pobre e mal construída, pela falta de vocabulário acarretada pela ausência de leitura.

São observadas dificuldades em matemática, por não conseguirem compreender adequadamente os enunciados e/ou pela própria característica do quadro, sendo assim começam a ficar defasadas em outras áreas, em relação às outras crianças, devido à falta de informação proveniente da leitura.

Outras características podem ser apresentadas, pois a auto-estima é afetada diretamente, a criança percebe que não consegue ter o mesmo desempenho

que os colegas de classe, podendo ser rotuladas como preguiçosas e desatentas, ocorrendo até mesmo reprovações, com isso tornam-se retraídas e com medo. Frequentemente, distúrbios de conduta (agressividade e até delinquência) são observados em consequência dos fracassos repetidos, às cobranças, sanções e conflitos internos, por não entenderem o que acontece.

## **2.8 Diagnóstico e Prognóstico**

Os sintomas que podem indicar a dislexia, antes de um diagnóstico multidisciplinar, só indicam um distúrbio de aprendizagem, não confirmando a dislexia.

O diagnóstico diferencial em Dislexia tem sido orientado por sintomas e sinais característicos. Nos casos menos severos, os problemas só passam a ser percebidos como dificuldades significativas de aprendizado, em geral, pelo professor, tornando-se mais evidentes a partir do segundo ano do curso primário. Porém quando os níveis são muito tênues, correm o risco de não serem diagnosticados, embora a falta do diagnóstico e da adequada assistência psicopedagógica a esse disléxico pode vir a agravar as suas dificuldades sociais e de aprendizado. E quanto mais graves ou severas se apresentem essas dificuldades, elas podem ser percebidas, como tendência ou risco, já a partir dos primeiros anos da vida escolar dessa criança, por seus pais, especialmente por sua mãe, e por seu professor.

Depois de iniciada a alfabetização, se a criança continuar, em longo prazo (pelo menos dois anos), apresentando dificuldades para tornar fluente a leitura, e/ou ainda necessitar de muito esforço para decodificar e interpretar as palavras, apresentar trocas, omissões e substituições de letras, deverá ser encaminhada a um profissional com especialização em psicopedagogia, com a finalidade de ele colher dados com os pais e com a escola a respeito da criança e realizar uma avaliação em várias áreas para a observação do funcionamento dela como um todo, para verificar se é realmente dislexia. O neuropediatra e também o fonoaudiólogo devem fazer parte dessa avaliação. Quando necessário é feito um encaminhamento a outros profissionais, como oftalmologista, geneticista, otorrinolaringologista entre outros, para determinar se existem ou não outros fatores que possam estar comprometendo o processo de aprendizagem, ou mesmo coexistindo com a dislexia.

Além disso, é de grande importância que sejam obtidas informações sobre o potencial da criança, bem como sobre suas características psiconeurológicas, sua performance e o repertório já adquirido. Informações sobre o método de ensino pelos quais a criança foi submetida são de grande significação.

Especialistas esclarecem que o diagnóstico diferencial e o treinamento remediativo para o disléxico adulto devem seguir orientação idêntica àquela que é adequada à criança e ao jovem disléxicos.(ABD)

Quanto ao prognóstico, SANA diz que “a dislexia não tem cura” (2005:43). Quanto mais cedo for detectada, melhor será para a criança, pois as conseqüências sofridas serão menores. O prognóstico vai depender da intensidade do problema, de quanto tempo ficou sem diagnóstico e tratamento adequado, do envolvimento dos pais e da escola para ajudar a criança a superar as barreiras, e do acompanhamento de profissionais especializados. Em longo prazo, será uma pessoa como as outras, mas sem demonstrar prazer pela leitura e, algumas vezes, cometerá erros na leitura e escrita e poderá confundir-se na tabuada e detestar escrever.

## **2.9 Tratamento para disléxicos**

Nunca é tarde demais para ensinar disléxicos a ler e a processar informações com mais eficiência. Entretanto, diferente da fala – que qualquer criança acaba adquirindo – a leitura precisa ser ensinada. Utilizando métodos adequados de tratamento e com muita atenção e carinho, a dislexia pode ser superada. Crianças disléxicas que recebem tratamento desde cedo apresentam uma menor dificuldade ao aprender a ler. Isso evita que a criança se atrase na escola ou passe a desgostar de estudar.

Na maioria das vezes, através de uma reeducação psicopedagógica, o disléxico vai conseguindo paulatinamente dominar as habilidades e destrezas para ler e escrever. Porém, sem nenhuma atenção especializada, raramente a criança disléxica conseguirá, por si só, superar suas dificuldades, e quase sempre acabará se excluindo das atividades escolares. (GORMAN -2003),

Nos casos de dislexia mais severos, os resultados são positivos, mas em longo prazo, pois a criança levará um longo tempo para alfabetizar-se, e dificilmente

superará as dificuldades escolares. Nos casos de diagnóstico tardio, quando a criança conseguiu alfabetizar-se com muita dificuldade, o atendimento psicopedagógico torna-se necessário para trabalhar questões que ainda não foram elaboradas por ela, como produção de textos, a escrita, o prazer pela leitura, sua auto-estima, entre outras. (SANA - 2005),

O disléxico precisa olhar atentamente, ouvir atentamente, atentar aos movimentos da mão quando escreve e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala. Assim sendo, a criança disléxica associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos da mão para escrevê-la. O aprendizado deve ser feito de forma sistemática e cumulativa. Sendo ainda cada caso é um caso específico e devem ser levadas em consideração as particularidades de cada um. (Almeida – 2004)

Para ALMEIDA:

*“O sucesso na reeducação de um disléxico está baseado numa terapia multisensorial (aprender pelo uso de todos os sentidos), combinando sempre a visão, a audição e o tato para ajudá-lo a ler e soletrar corretamente as palavras”. (2004:5)*

Muitas vezes, crianças inteligentíssimas, mas que sofrem de dislexia, aparentam ser péssimos alunos e muitas dessas crianças se envergonham de suas dificuldades acadêmicas, abandonam a escola e se isolam de amigos e familiares. Muitos pais, por falta de conhecimento, se envergonham de ter um filho disléxico e evitam tratar do problema. Isso é lamentável, pois crianças disléxicas que recebem um tratamento apropriado podem não apenas superar essa dificuldade, mas até utilizá-la como benefício para se sobressair pessoal e profissionalmente.

GORMAN (2003) enfatiza que a dislexia não é curada. Não se trata de um problema que é superado com o tempo. A dislexia não pode passar despercebida. Pais e professores devem se esforçar para identificar a possibilidade de seus filhos ou alunos sofrerem de dislexia. Crianças disléxicas tratadas desde cedo superam o problema e passam a se assemelhar àquelas que nunca tiveram qualquer dificuldade de aprendizado.

Gorman diz que foram desenvolvidos diversos programas para tratar a dislexia, porém, não há um só tratamento que seja adequado a todas as pessoas. Contudo, a maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e fluência na leitura. Esses tratamentos ajudam o disléxico a reconhecer sons, sílabas, palavras e, por fim, frases. É aconselhável que a criança disléxica leia em voz alta com um adulto para que ele possa corrigi-la. É importante saber que ajudar disléxicos a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção e repetição. Mas um bom tratamento certamente rende bons resultados. Alguns estudos sugerem que um tratamento adequado, administrado ainda cedo na vida escolar de uma criança, pode corrigir as falhas nas conexões cerebrais ao ponto que elas desapareçam por completo.

A intervenção na dislexia tem sido feita principalmente por meio de dois métodos de alfabetização, o multissensorial e o fônico. Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização. (GÜTSCHOW -2003),

Conforme CAPOVILLA (2002), citado por GÜTSCHOW (2003), o método multissensorial busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. Ao unir as modalidades auditivas, visuais, sinestésica e tátil, este método facilita a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e sinestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra).

Já o método fônico focaliza o ensino sistemático das relações entre as letras e os sons, explicitando o mapeamento que a escrita alfabética faz da fala.

De acordo com IANHEZ e NICO (2002), a intervenção para crianças com dislexia terá que ser focada em três áreas:

Remediação imediata – há diferentes graus de dislexia, da mais leve a mais severa e um único método não servirá para todos, porém, em todos os casos será necessário rever o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Modificação e acomodação – modificar hábitos e regras para ajuda-los como, por exemplo, aumentar o tempo nas provas, pedir para que alguém o ajude a anotar, dividir um livro de histórias, entre outras;

Uso da tecnologia – como mais uma ferramenta, isto é, o uso de fitas casete para gravar uma aula, o uso do bloco de notas e de calculadora. O desenvolvimento da tecnologia tem ajudado muitos disléxicos com programas especiais de computadores.

## CAPÍTULO III

### DISLEXIA E MATEMÁTICA

Inicialmente faz-se necessário esclarecer o que é ter dificuldades em matemática. As pessoas geralmente falam que não se saem bem em matemática, quando de fato querem dizer que apresentam dificuldades em aritmética. A aritmética é uma parte da matemática que está associada aos raciocínios lógicos, perceptivos e sensoriais: formas, tamanhos, espaço, dimensão e quantidade.

“A incapacidade de compreensão dos números e das operações, também se chama discalculia e, portanto está ligada a dislexia”.(Almeida – 2004)

A discalculia é “a incapacidade de compreender o mecanismo do cálculo e a solução dos problemas; é o insucesso na aprendizagem da matemática” (2005:57). Para a autora a discalculia é muito rara e, quando acontece, quase sempre é associada a outras síndromes. Logo, não é qualquer tipo de dificuldade para aprender matemática que será discalculia.

Alguns disléxicos têm problemas com aritmética e outros aspectos da matemática, assim como com a linguagem escrita.

Além disso, muitos disléxicos têm dificuldades para adquirir rapidez e fluência em simples cálculos: adição, subtração, multiplicação, divisão e na tabuada, mas eles poderão ter, não obstante, boa habilidade em matemática.(SANA)

Este fato acontece porque não há áreas do cérebro que só se ocupem especificamente da leitura e soletração. As áreas usadas para a linguagem escrita são usadas também para outros materiais simbólicos, incluindo números, fórmulas, gráficos, diagramas, espaço-tempo, etc.

Assim, se há um problema nessas partes do cérebro, será afetado o processamento eficiente de qualquer material simbólico, linguagem e matemática, significa que as falhas em uma área de aprendizagem podem estar freqüentemente vinculadas à falhas em outras áreas.

Para entender melhor é necessário verificar quais são as semelhanças superficiais entre a linguagem escrita e a matemática, ambas são linguagens representadas por símbolos que apresentam pequena ou nenhuma relação com as situações e eventos que eles descrevem, portanto usar uma letra /a/ ou um número /4/ é uma representação simbólica igualmente. Pouco ou nada tem haver com a representação concreta.

Os dois símbolos (letras ou números) têm estruturas e requerem uma ordem e seqüência para serem usados eficientemente, as duas linguagens requerem facilidade verbal, para uma aprendizagem fluente e memorização. Memória de curto prazo é também importante para ambos.

Ainda segundo a mesma autora encontramos dois subgrupos de disléxicos que apresentam dificuldades em matemática.

Aqueles que compreendem os conceitos, mas são incapazes de representá-los no papel, isto é, eles sabem que processo ou operação usar, mas não conseguem fazê-lo com precisão.

Aqueles que têm pouca ou nenhuma idéia do porquê os números ou símbolos são usados. Essas pessoas não compreendem os conceitos subentendidos em matemática.(Almeida – 2004)

Os resultados das pesquisas em dislexia e matemática variam consideravelmente, e uma estimativa conservadora, baseada em estudos iniciais de JOFFE (1981), conforme ALMEIDA (2004), sugeria que quase 60% dos disléxicos têm alguma dificuldade em matemática, onde dois terços dos disléxicos encontram-se na faixa etária entre de 8 a 14 anos, 11% dos disléxicos são excelentes em matemática e 29% tem bom desempenho.

### 3.1 Observando, entendendo e trabalhando dificuldades

Para intervir de maneira adequada é necessário observar o processo de raciocínio da pessoa, para entender seu estilo cognitivo de aprendizagem. A criança está tendo inabilidade para contar números para trás ou para frente de dois em dois ou de três em três. Salta a numeração, desorganiza-se, fica nervosa, logo quer desistir. A ansiedade e o medo de errar começam a instalar-se na vida afetiva da criança, temos que ter o cuidado para proporcionar uma forma de sucesso, melhorando a auto-estima e confiança. Este comportamento aparece com freqüência, pela fragilidade de percepção corporal-espacial, como consequência alterações na orientação, lateralidade e seqüência. Exercícios que ajudam: dê os vizinhos (usando como apoio uma régua numerada), jogos que usem dados; dominó, resta um, dama, ludo, brincadeiras e atividades desportivas, ou seja, atividades que exercitem movimentos para frente e para trás, mas sempre de forma lúdica e divertida.

O aluno numa conta de adição:  $8 + 3$ . Geralmente começaria a contagem de oito, porém o disléxico vai começar do 0 ou 1, 2, 3, 4... até chegar no oito e depois começar: 0 ou 1, 2, 3. Isto ocorre freqüentemente pela falta de compreensão dos traços gerais do número, da ordem, estrutura seqüencial. Eles precisam sempre do referencial (início, meio e fim). Usar os dedinhos, palitos de sorvetes, palitos de fósforo, clips, contas, canudinhos, contador, ábaco... ajudam.

Este mesmo comportamento pode acontecer numa conta de multiplicação:  $3 \times 4$ . Ele irá começar por  $3 \times 1, \dots$  É importante ensinar a multiplicação como uma adição simplificada. Usar um modelo concreto. Precisamos mostrar o modelo mental na prática, nunca decorar a tabuada mecanicamente. O que precisamos ensinar é como se chega ao resultado, através de um desenho representativo, mantendo sempre a unidade e dezena nos lugares correspondentes.

Usualmente a criança com dislexia poderá fazer confusões nos sinais (+) da adição e (x) da multiplicação. Diferenciar os sinais através de cores é uma sugestão que pode ser eficaz. Às vezes mesmo com todo auxílio concreto a criança com dislexia poderá continuar apresentando dificuldades em realizar a tabuada. É útil reconhecer esta limitação e fornecer materiais que auxiliem o trabalho mental. O uso de régua numeradas, calculadoras, tabuadas confeccionadas pela própria criança,

é muito mais eficiente, do que manter uma angústia do não conseguir realizar um cálculo mental.

O valor da posição das casas numéricas deverá ser trabalhado com quadros de pregas, material cusinaire ou material dourado. Procurar realizar as contas em papel quadriculado, determinando as casas de unidade, dezena, centena e milhar. O uso do computador também é outro recurso através da utilização de softwares educativos.

Os problemas de memória de curto prazo e as dificuldades de compreensão do sistema de valor da posição podem dificultar. A ajuda mais adequada é ir guiando o manejo da conta: transportar o número, escrever em cima ou do lado qual número que elevou ou tirou.

Outras complicações podem aparecer na divisão. Também é importante usar a forma passo a passo.

A troca e a inversão de números pode acontecer. Exemplo: 3 por 5, ou escrever em espelho, mudar a orientação. Isto requer atividades com numerais em relevo, de diversas texturas. Nesta situação o que precisa ser trabalhado são as imagens mentais, funções sensoriais e cinestésicas como, por exemplo, a brincadeira de colocar vários números de diversos tamanhos e formas num saquinho e pedir para a criança vendada retirar um. Depois, tateá-lo e escrever na lousa ou no papel. Desta forma, estamos estimulando a imagem mental, orientação espacial e sensibilidade tátil-cinestésica.

Na área geométrica procurar sempre construir as figuras geométricas e medi-las para achar o perímetro. O emprego dos blocos lógicos é importante, bem como as diversas formas, dimensões, espessuras, tamanhos e cores. Usar coisas do cotidiano como, por exemplo, pegar uma caixa de sapatos e descobrir suas medidas, como foi feita a caixa, desmontar e montar, ver de que forma é, realizar operações matemáticas para achar suas dimensões, quanto preciso de papel para encapá-la, fazer outra de tamanho e/ou forma diferente.

Para trabalhar com o sistema monetário nada melhor que o tradicional jogo do Banco Imobiliário. Confeccionar cédulas e moedas de papelão com vários va-

lores, talões de cheques para aprender a escrever por extenso, desenhar as cédulas, observando os detalhes, a cor, o uso das moedas como centavos. Brincar de supermercado, para estabelecer valores das coisas e por consequência efetuar as operações fundamentais. O raciocínio em problemas deverá sempre ser realizado através do concreto e depois efetuar a solução. Usar calculadoras, contador, ábaco (Almeida – 2004)

## CAPÍTULO IV

### A DISLEXIA E A INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

Muitos professores, ao se depararem com alunos que apresentam dificuldades ou que não aprendem o conteúdo escolar, passam a se questionar: “Por que isso acontece?”.

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem de origem constitucional e apresenta sinais mais notórios quando a criança aprende a ler, pois é caracterizada por uma disfunção na área da leitura e escrita do cérebro.

Sendo assim, é necessário que os professores estejam informados sobre esse distúrbio, pois freqüentemente estarão em contato com alunos disléxicos. Várias são as conseqüências da dislexia em sala de aula.

O aluno está sempre levando broncas pelas notas baixas, tanto do professor como da própria família, também leva broncas dos colegas, pois necessita fazer tudo no concreto e demora mais que os outros.

Podendo muitas vezes torna-se o “palhaço” da classe, fazendo bagunça para fugir das situações de leitura e escrita, ou até mesmo pode tornar-se o “fantasma” da turma, pois a professora e os colegas só o percebem quando este se despede na hora da saída. Desta forma, também está fugindo das situações de leitura e escrita.

Assim, este aluno sente-se totalmente incapaz, sua auto-estima fica prejudicada e, nem ele mesmo sabe porquê os colegas aprendem e ele não.

Este aluno, normalmente tenta, esforça-se ao máximo, mas, os resultados não aparecem e assim, muitas vezes é acometido de dores de cabeça e mal estar pelo excesso de esforço.

Atualmente, cada vez mais revistas e jornais de renome estão divulgando notícias e pesquisas recentes sobre a dislexia e, como conseqüência disso, muito já se sabe sobre esse transtorno de aprendizagem.

Muitas vezes o professor tem receio de agir em prol destes alunos, pois não sabe qual será a reação da direção da escola e de seus supervisores. Por isso, é importante que todos saibam, tanto a escola como os professores, que existem leis facilitadoras para que certas providências sejam tomadas, tais como: ler a prova em voz alta; corrigir de forma a priorizar o que de fato importa para o aprendizado desse aluno; uso de gravador em sala de aula; consultas à tabuada, entre outras. (Perez – 2004)

Existem algumas estratégias que podem ajudar crianças disléxicas no processo de aprendizagem.

O uso freqüente de material concreto, como relógio digital, calculadora, gravador, a confecção do próprio material para alfabetização, como desenhar, montar uma cartilha.

O uso de gravuras, fotografias, pois a imagem é essencial para sua aprendizagem, agregando material culinário e Material dourado; folhas quadriculadas para matemática; letras com várias texturas.

Evitar dizer que ela é lenta, preguiçosa ou compará-la aos outros alunos da classe, não devendo ser forçada a ler em voz alta em classe a menos que demonstre desejo em fazê-lo.

Em relação as suas habilidades devem ser julgadas mais em sua respostas orais do que nas escritas e sempre que possível, a criança deve ser encorajada a repetir o que lhe foi dito para fazer, isto inclui mensagens. Sua própria voz é de muita ajuda para melhorar a memória.

Fazer revisões são importantes e devem ser freqüentes, pois copiar do quadro-negro é sempre um problema, tente evitar isso, ou dê-lhe mais tempo para fazê-lo. Portanto demonstrar paciência, compreensão e amizade durante todo o tempo. Ensiná-la quando for ler palavras longas, a separá-las com uma linha a lápis; dar-lhes menos dever de casa e avaliar a necessidade e aproveitamento desta tarefa.

Não riscar de vermelho seus erros ou colocar lembretes desmotivadores, e também procurar não dar suas notas em voz alta para toda classe, isso a humilha e a faz infeliz.

Em relação a sua escrita não forçá-la a modificar, ela sempre acha sua letra horrível e não gosta de vê-la no papel. A modulação da caligrafia é um processo longo.

Procurar não reforçar sentimentos que minimizam sua auto-estima; dar-lhes um tempo maior para realizar as avaliações escritas. Uma tarefa em que a criança não-disléxica leva 20 minutos para realizar, a disléxica pode levar duas horas, usar sempre uma linguagem clara e simples nas avaliações orais e principalmente nas escritas; uma língua estrangeira é muito difícil para eles, faça suas avaliações sempre em termos de trabalhos e pesquisas. (Almeida – 2004).

Segundo CAPOVILLA (2002) (*apud* GÜTSCHOW, 2003), alguns dos procedimentos que podem ser adotados por professores e pais de crianças disléxicas para facilitar a aprendizagem . A criança disléxica deve sentar-se próxima à professora, de modo que a professora possa observá-la e encorajá-la a solicitar ajuda; cada ponto do ensino deve ser revisto várias vezes. Mesmo que a criança esteja prestando atenção durante a explicação, isso não garante que, no dia seguinte, ela lembrará o que foi dito; professores e pais devem evitar sugerir que a criança é lenta, preguiçosa ou pouco inteligente, bem como evitar comparar o seu trabalho escrito aos de seus colegas; não solicitar para que ela leia em voz alta na frente da classe; sua habilidade e conhecimento devem ser julgados mais pelas respostas orais que escritas; não esperar que ela use corretamente um dicionário para verificar como é a escrita correta da palavra. Tais habilidades de uso de dicionário devem ser cuidadosamente ensinadas; evitar dar várias regras de escrita numa mesma semana. Dar lista de palavras com uma mesma regra para a criança aprender; sempre que possível a criança deve repetir, com suas próprias palavras, o que a professora pediu para ela fazer, pois isso ajuda na memorização; a apresentação de material escrito deve ser cuidadosa, com cabeçalhos destacados, letras claras, maior uso de diagramas e menor uso de palavras escritas; o ambiente de trabalho deve ser quieto e sem distrações; a escrita cursiva é mais fácil do que a de forma, pois auxilia a velocidade e a memorização da forma ortográfica da palavra; esforços devem ser feitos

para auxiliar a autoconfiança da criança, mostrando suas habilidades em outras áreas (música, esporte, artes, tecnologia etc).

É de extrema importância que a escola seja persistente em envolver todos os professores e funcionários da escola na construção de uma proposta pedagógica que atenda a lei da inclusão para ajudar alunos com esse tipo de transtorno de aprendizagem.

## CAPÍTULO V

### COMO OS PAIS PODEM AJUDAR

A Associação Nacional de Dislexia (AND) diz que a criança é a primeira a perceber que não está tendo um bom rendimento escolar, porém, não sabe o que fazer e nem como explicar o que acontece. Quanto mais tempo passar sem que ela obtenha ajuda, maiores serão as dificuldades.

Atenção, paciência, perseverança e praticidade são atitudes que, quando tomadas pelos pais, podem ser bastante úteis para auxiliar os filhos a superar as dificuldades apresentadas devido à dislexia. Essas são algumas sugestões para que os pais possam ajudar seus filhos disléxicos:

Descubra tudo que você puder sobre o desempenho de seu filho e os melhores caminhos para ele; procure um profissional adequado para ajudá-lo. Os pais devem participar juntos desta tarefa; tente desenvolver um bom relacionamento com os professores de seu filho e discuta se possível o problema com eles; procure ficar calmo ao receber alguma notificação escolar; ensine seu filho a fazer coisas por si próprio, dando-lhe autonomia; ensine a ele como se organizar, usando seu tempo da melhor forma. Seja paciente com os progressos que ele fizer, quando estiver tendo atendimento apropriado. Não acontecerão milagres. Tudo isto leva tempo; ele poderá ter muitos desapontamentos como: ser chamado de bobo ou preguiçoso, chegar atrasado em compromissos, ter frustrações nos trabalhos escolares. Mas vocês como pais podem ajudá-lo a superar a maioria deles, desde que percebam a tempo. Fique atento aos sinais de stress, como enurese ou introversão. Não pense que necessariamente todos esses sinais são por causa da dislexia. Seu filho está crescendo e pode ter problemas como qualquer adolescente. Tem que haver uma intervenção gentil, mas com firmeza. Vários professores, psicólogos, clínicos e outros profissionais, de alguma maneira compreendem e são solidários aos disléxicos; não o deixe desistir; ele poderá ficar tão cansado com o esforço que faz na escola, que precisará, eventualmente, ter um dia mais folgado. Sua criança é disléxica e depende muito de sua atenção. Mas não dê mais atenção a ela do que aos outros membros da família; nunca compare crianças; você pode se tornar neurótico(a) ou super protetor(a), o que é um perigo.

Qualquer que seja a idade de seu filho realize leituras para ele; muitos disléxicos não compreendem o que estão lendo e é quando você deve agir. Digite suas anotações escolares; algumas matérias podem ser gravadas em fita cassete. Desenvolva o interesse dele por arte de um modo geral, assista TV, vídeos com ele e depois converse sobre o que viram; incentive as atividades livres; elogie, motive, informe e estimule sua autoconfiança e sua auto-estima.

Crianças disléxicas apresentam dificuldades em amarrar cordões de sapatos e em abotoar. Sapatos sem cadarços, com elástico ou velcro, podem diminuir o problema, apesar de não o resolver. Uma pessoa canhota exercita tarefas de maneira diferente da pessoa destra. Por isso se você e seu filho não usam o mesmo lado das mãos (a mesma lateralidade), você deve ensinar essas tarefas em frente a ele. Caso vocês usem o mesmo lado, isto é, ambos são destros ou ambos são canhotos, você deve ficar atrás dele para ensiná-lo. Para ensinar a abotoar, sempre comece da parte inferior do botão e não em cima, pois fica embaixo de seu queixo e ele não poderá ver bem. Explique à criança o que você está fazendo, enquanto está realizando a tarefa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade significativa de crianças que enfrentam dificuldades no processo de aprendizagem e que não acompanham o ritmo das classes escolares comuns impõe um esforço maior na busca de adaptações adequadas para superação dessas dificuldades.

A parceria com a família, o trabalho de prevenção, informação e acompanhamento adequado da dislexia são fundamentais para garantir a permanência prazerosa da criança disléxica na escola, porém, pressupõe uma determinada competência técnica por parte do educador, o que ainda infelizmente não faz parte de sua formação básica.

Através deste trabalho monográfico sobre a dislexia pude conhecer as causas e conseqüências desse transtorno que afeta uma porcentagem significativa da população. O mais assustador é a desinformação sobre o assunto, impedindo uma ação eficaz dos pais em relação à aprendizagem e educação dos filhos. Além disso, muitas instituições educacionais, também por falta de informação e preparo, acabam por não tratar adequadamente crianças com esse transtorno. Infelizmente isso faz com que o aluno disléxico torne-se desinteressado e sinta-se extremamente infeliz, o que prejudica sua auto-estima levando-o a apresentar maiores dificuldades.

É evidente que crianças com dislexia apresentam uma série de dificuldades de aprendizagem. Porém, com a realização de um diagnóstico precoce, a família e a escola podem intervir de maneira a ajudar esse indivíduo. O encaminhamento a profissionais competentes é de muita ajuda para a superação das dificuldades. Além disso, o apoio e a paciência das pessoas que fazem parte da convivência do disléxico são de extrema importância para elevar sua auto-estima, o que certamente facilitará seu aprendizado. Devemos lembrar também, que as pessoas são diferentes e é necessário que saibamos respeitar as aptidões de cada um. Não podemos olhar a criança de uma forma discriminatória. Colocar a criança em situações desestruturadas não nos traz o retorno desejado.

Alunos disléxicos têm inteligência normal ou acima da normalidade e a capacidade de aprendizagem é limitada apenas pelo método pelo qual eles são ins-

truídos. As escolas, juntamente com a criança disléxica e sua família, devem buscar desenvolver estratégias que potencializem as habilidades dessa criança, pois desta forma o trabalho torna-se mais eficiente, enfatizando os aspectos referentes à construção do conhecimento e à aquisição de novos comportamentos e atitudes.

Uma desordem de origem neurológica, não existe cura para a dislexia, mas seus efeitos podem ser trabalhados e minimizados. Como aponta FRANK (2003), psicólogo educacional e também disléxico, o caminho a ser trilhado é trabalhoso, mas, com o apoio adequado pode-se e deve-se ir atrás de seus sonhos e ser feliz.

A informação faz com que disléxicos não sejam vistos como “manipuladores”, “incompetentes” ou “preguiçosos”, que procuram apenas uma saída mais fácil e sim, estudantes que necessitam de um trabalho específico, pois se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender. (Pavão – 2005)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marina S. R. (2004). *Dislexia e Matemática*. Disponível em: <http://www.somatematica.com.br/artigos/a9/>.

\_\_\_\_\_ (2004). *Dislexia*. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0217.pdf>.

ARAÚJO, Simaia S. M. M. de (2005). *Dislexia*. Disponível em: <http://simaiapsicopedagoga.v10.com.br/disturbios.htm#Dislexia>

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Dislexia: <http://www.dislexia.org.br>

\_\_\_\_\_ : <http://www.dislexia.com.br>

ASSOCIAÇÃO Nacional de Dislexia: <http://www.andislexia.com.br>

BAUER, James B. *Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito*. SP: Casa do psicólogo, 1997.

FRANK, R. A. *A vida secreta da criança com dislexia*. São Paulo: Mbooks, 2003.

GORMAN, Christine (2003). *A dislexia: o que é? Causas, sinais e cura*. Disponível em: [http://www.10emtudo.com.br/artigos\\_1.asp?CodigoArtigo=69](http://www.10emtudo.com.br/artigos_1.asp?CodigoArtigo=69).

GÜTSCHOW, Claudia Regina D. (2003). *Dislexia e desenvolvimento: intervenção e prevenção*. Disponível em: <http://www.profala.com/artdislexia9.htm>.

\_\_\_\_\_ (2004). *A aquisição da leitura e da escrita*. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp/47.htm>.

IANHEZ, Maria e NICO, Maria Ângela. *Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*. SP: Alegro, 2002.

ISKANDAR, Jamil I. *Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos*, 2. ed (ano 2003). Curitiba: Juruá, 2005.

LEITE, Elaine P. (2003). *Dislexia na escola*. Disponível em:  
<http://www.psicopedagogia.com.br/opinioao>.

MACHADO, Andrezza B. L. (2004). *O processo de construção da linguagem escrita pela criança, com base nas pesquisas de Emília Ferreira*. Disponível em:  
<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=554>.

MARTINS, Vicente (2003). *A dislexia em sala de aula*. Disponível em:  
<http://www.educacaoonline.pro.br>.

NICO, Maria Ângela N. (2005). *Dislexia*. Disponível em  
<http://www.dislexia.org.br>.

PAVÃO, Vânia (2005). *A dislexia e a disortografia: a importância do diagnóstico*. Disponível em: <http://www.igt.psc.br>

PEREZ, Silvana C.B. (2004). *Estratégias com o disléxico em sala de aula*. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>

SANA, Cristiane C. *Por que meu filho não aprende*. Blumenau, SC: Ekos, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. SP: Cortez, 2002.